

# Entre o real, o simbólico e o imaginário: Uma leitura lacaniana do conto

## “Uns braços”, de Machado de Assis

Leony Bruno de Souza Pereira<sup>1</sup>

Ricardo Marques Macedo<sup>2</sup>

**Resumo:** No presente trabalho, buscamos refletir sobre o comportamento dos personagens Inácio e D. Severina, no conto “Uns Braços”, de Machado de Assis. O principal embasamento teórico foi a Psicanálise Lacaniana, mais especificamente, em suas definições do real, do simbólico e do imaginário. Entende-se o real como o impossível, o simbólico como a linguagem e o imaginário como o real do sujeito. No comportamento de Inácio, foi observado o funcionamento do imaginário, pois o jovem enxerga a protagonista de um modo diferente se compararmos como o marido a enxerga. O simbólico ocorre tanto nos sinais corporais quanto nos sonhos, já que, para Lacan, o inconsciente é estruturado pela linguagem. Todas essas constatações nos fazem perceber que há um desejo reprimido e incompreendido pelos dois personagens, observáveis através do “nó borromeano”, ou seja, a junção entre real, simbólico e imaginário.

**Palavras-chave:** Inácio; D. Severina; Real; Simbólico; Imaginário.

**Abstract:** In the present work, we try to reflect on the behavior of the characters Inácio and D. Severina, in the short story "Uns Braços", by Machado de Assis. The main theoretical basis was the Lacanian Psychoanalysis, more specifically, in its definitions of the real, the symbolic and the imaginary. The real is understood as the impossible, the symbolic as the language and the imaginary as the real of the subject. In Inácio's behavior, the imaginary was observed, since the young man sees the protagonist in a different way if we compare how the husband sees it. The symbolic occurs both in body signs and in dreams, since, for Lacan, the unconscious is structured by language. All these findings make us realize that there is a desire repressed and misunderstood by the two characters, observable through the "Borromean knot", that is, the junction between real, symbolic and imaginary.

**Keywords:** Inácio; Mrs. Severina; Real; Symbolic; Imaginary.

---

<sup>1</sup> Graduando do 6º Semestre do Curso de Licenciatura Plena em Letras – Inglês, pela Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, no campus de Pontes e Lacerda. Email: leony\_1996@live.com

<sup>2</sup> Possui graduação em Licenciatura Plena em Letras Anglo-Portuguesa pela Universidade do Estado de Mato Grosso (2002), Mestrado (2011) e Doutorado (2018) em Estudos Literários pela Universidade do Estado de Mato Grosso. Email: ricj.mt@gmail.com

Aparentemente quase tudo já foi dito sobre Machado de Assis, que é considerado por grande parte dos críticos, o maior escritor da Literatura Brasileira. Apesar disso, sempre que revisitamos suas obras, alguma reflexão nova surge, uma discussão inédita é suscitada, percebemos algum pequeno detalhe que não foi posto em debate. Assim são os grandes autores e as grandes obras: praticamente inesgotáveis. Com isso em mente, pretendemos, neste trabalho, esboçar uma pequena análise psicanalítica dos personagens Inácio e D. Severina, que protagonizam o conto “Uns braços” deste famoso autor. Não nos aprofundaremos nos conceitos da psicanálise de Freud ou Lacan, visto que seria impossível fazê-lo dentro destas poucas páginas. Dessa maneira, propomo-nos a articular minimamente os conceitos do real, simbólico e imaginário cunhados por Lacan (1953), associando-os com os personagens no intuito de mapear seus comportamentos.

O conto de Machado de Assis se inicia no momento em que Inácio recebe uma bronca do solicitador Borges por não estar fazendo seu trabalho corretamente. Já nas primeiras linhas, começamos a compreender a relação entre os três personagens que compõem a narrativa. Inácio é um jovem de 15 anos que passou a morar e trabalhar com o solicitador Borges e sua esposa D. Severina. Essa mudança aconteceu por intermédio do pai de Inácio, que é padeiro e queria proporcionar uma vida melhor ao filho, pois achou que Borges poderia ensiná-lo muito sobre o trabalho burocrático de escritório. Não há muito o que dizer sobre o solicitador, é um homem aparentemente mal-humorado e focado no trabalho, não trata a esposa muito bem e é ainda mais estúpido com seu aprendiz. Inácio demonstra ser um rapaz tímido e desajeitado, não é muito bom nas relações sociais, mas mostra-se perseverante e curioso em relação a tudo que o rodeia.

A narrativa toma fôlego no instante em que os olhares e pensamentos de Inácio são atraídos pela fisionomia de D. Severina, especificamente seus belos e recheados par de braços. O enredo acontece, em grande parte, na mesa onde os três realizam as refeições diárias. Nestes momentos, os olhos tímidos do garoto espreitam o corpo de D. Severina, fixam-se especificamente em seus braços, mas Inácio não mantém os olhos fixos por muito tempo, talvez por medo de que suspeitem de seus sentimentos, ou pela simples timidez que o assombra. Este ambiente familiar é construído já na primeira página, onde temos contato com a descrição prévia de D. Severina:

Usava mangas curtas em todos os vestidos de casa, meio palmo abaixo do ombro; dali em diante ficavam-lhe os braços à mostra. Na verdade, eram

belos e cheios, em harmonia com a dona, que era antes grossa que fina, e não perdiam a cor nem a maciez por viverem ao ar; mas é justo explicar que ela os não trazia assim por faceira, senão porque já gastara todos os vestidos de mangas compridas. De pé, era muito vistosa; andando, tinha meneios engraçados; ele, entretanto, quase que só a via à mesa, onde, além dos braços, mal poderia mirar-lhe o busto. Não se pode dizer que era bonita; mas também não era feia. (ASSIS, 1994, p.2)

Compreendendo esta visão geral da obra, é possível relacionar o comportamento destes personagens às instâncias que constituem a mente humana: o real, o simbólico e o imaginário. Em linhas gerais, Lacan associa o simbólico à linguagem. Para o autor, os sujeitos interagem entre si através de signos linguísticos que compõem uma rede de significados mais ou menos estabelecidos. Por exemplo, quando eu digo a palavra “cadeira”, qualquer falante da Língua Portuguesa associará este som ou representação escrita à um objeto de quatro pernas com assento e encosto. Já o real, para Lacan, é o impossível, o objeto, aquilo que não pode ser simbolizado. Um exemplo claro de nosso distanciamento do real se dá no momento em que desejamos descrever uma sensação, como a de sentir um orgasmo, ou a de saborear um delicioso chocolate. Nunca conseguiremos descrever com signos (simbólicos) o real gosto da guloseima ou a real sensação do gozo sexual. Por último, o imaginário seria o “real do sujeito”, é a forma que o sujeito enxerga o mundo, de acordo com suas concepções e ideologia. Percebemos o funcionamento do imaginário quando um amigo manifesta uma opinião contrária à sua, isso acontece porque cada um enxergará o real à sua maneira individual. Ou seja, o real é imutável, está lá, mas cada um possui óculos (imaginários) diferentes para enxergar este real. O simbólico, portanto, é a linguagem constituída por signos que utilizamos para tentar expressar esse imaginário pautado na subjetividade.

Associando com a obra, percebemos, numa primeira leitura, o funcionamento das relações imaginárias permeando o estranho triângulo amoroso criado por Machado de Assis. O modo como Borges enxerga sua esposa é muito diferente do modo como Inácio enxerga a D. Severina. Essa diferença ocorre porque as relações pessoais são diferentes, e essas relações constituem imaginários que também são diferentes. D. Severina existe, ela é real, está lá, mas Borges a vê como a dona de casa, a mulher que precisa cumprir com todas as suas obrigações e atribuições pré-determinadas por uma sociedade patriarcal do século XIX. Inácio enxerga a beleza física da mulher, suas curvas e feições, seus braços, e cada parte do corpo que os olhos conseguem contemplar. Para Borges, D. Severina não é um objeto de desejo, ela está neste lugar feminino já estabelecido pela sociedade. Para Inácio, D. Severina é um objeto de desejo, mas ela está num lugar inalcançável, intocável.

Essa relação fundamentalmente imaginária, nos leva a um ponto interessante da narrativa, pois em um dado momento D. Severina começa a observar alguns comportamentos peculiares em Inácio. Ela nota como o rapaz a observa, como seus olhinhos curiosos e desejosos passeiam pelos seus braços e depois se desviam para outro ponto distante. A timidez excessiva, a dificuldade em aprender o trabalho e todas as reações incomuns, fazem com que a mulher tenha plena certeza que o jovem estava apaixonado. Essa certeza é primeiramente antecipada por diversos questionamentos da mulher, podemos observar estas questões no seguinte excerto:

Naquele dia, enquanto a noite ia caindo e Inácio estirava-se na rede (não tinha ali outra cama), D. Severina, na sala da frente, recapitulava o episódio do jantar e, pela primeira vez, desconfiou alguma coisa. Rejeitou a ideia logo, uma criança! Mas há ideias que são da família das moscas teimosas: por mais que a gente as sacuda, elas tornam e pousam. Criança? Tinha quinze anos; e ela advertiu que entre o nariz e a boca do rapaz havia um princípio de rascunho de buço. Que admira que começasse a amar? E não era ela bonita? Esta outra ideia não foi rejeitada, antes afagada e beijada. E recordou então os modos dele, os esquecimentos, as distrações, e mais um incidente, e mais outro, tudo eram sintomas, e concluiu que sim. (ASSIS, 1994, p. 03)

Há, na psicologia, um entendimento de que o corpo, assim como as palavras, transmite sentidos. Assim sendo, o corpo também passa a ser um objeto simbólico. Observamos que Inácio não fala sobre o que sente, mas o modo como sua estrutura física se comporta denuncia aspectos de seu inconsciente. Esses são alguns comportamentos simbólicos que D. Severina interpreta de maneira subjetiva, pois há também a relação imaginária embutida nesta interpretação. Em outras palavras, a percepção do verdadeiro sentimento de Inácio por D. Severina acontece pela linguagem. Não é a linguagem direta, pela fala, mas é a linguagem corporal, que também está intrinsecamente associada ao simbólico.

Lacan (1953) também nos ensina que o inconsciente é estruturado pela linguagem, isto é, pelo simbólico. Para o autor, se o sujeito não se comunicasse através da linguagem, o espaço mental do inconsciente seria um completo vazio. Seguindo essa perspectiva, Freud (1915) nos mostra que existem algumas formas de se acessar o inconsciente, este lugar mais profundo e incontrolável da mente. Um dos modos de ter acesso a essa instância é através dos sonhos. De acordo com o psicanalista, os sentimentos e emoções inacessíveis durante o dia se manifestam a noite em nossos sonhos, pois são fragmentos que emergem das camadas mais profundas da mente.

Podemos compreender que há este tipo de manifestação simbólica através dos sonhos dentro do conto machadiano. Depois que D. Severina percebe os sutis sinais que revelam os verdadeiros sentimentos de Inácio para com ela, a esposa do solicitador passa a gastar muito seu tempo pensando no jovem aprendiz, não o tira da cabeça durante o dia e, à noite, a imagem de Inácio também lhe invade os sonhos. Esta obsessão partilhada entre os protagonistas fica mais perceptível no seguinte trecho:

D. Severina sentiu bater-lhe o coração com veemência e recuou. Sonhara de noite com ele; pode ser que ele estivesse sonhando com ela. Desde madrugada que a figura do mocinho andava-lhe diante dos olhos como uma tentação diabólica (ASSIS, 1994, p. 5)

Certo dia, D. Severina vai até o quarto de Inácio, a porta estava entreaberta, o rapaz permanecia dormindo. Ela entra vagorosamente no cômodo, abaixa-se, deixando seus rostos muito próximos e, repentinamente, dá-lhe um beijo. Coincidentemente, Inácio estava sonhando exatamente com esta cena: o momento em que encostava seus joviais lábios na boca de D. Severina. Um desejo proibido, possível somente na instância inconsciente.

Aquí o sonho coincidiu com a realidade, e as mesmas bocas uniram-se na imaginação e fora dela. A diferença é que a visão não recuou, e a pessoa real tão depressa cumprira o gesto, como fugiu até à porta, vexada e medrosa. (ASSIS, 1994, p. 06)

Neste momento, os domínios simbólico e imaginário entram em confluência. Podemos afirmar que o beijo é o ato simbólico mais comum de demonstração de afeto entre seres humanos. Entretanto, a atitude da protagonista parte de um impulso originado do imaginário, D. Severina interpretou simbolicamente os comportamentos do rapaz e formulou um novo tipo de imaginário em relação ao aprendiz de seu marido. Esta mudança de paradigmas fez surgir no inconsciente (percebido pelos sonhos) um impulso fomentado pela libido. O beijo é somente um gesto que representa simbolicamente estes desejos originários do inconsciente, desejos que são constituídos pela instância imaginária da mente. Inácio também sofre essa confluência, mas de modo diferente. Sua relação com o simbólico acontece, nessa cena, numa ligação direta com o inconsciente, que é estruturado pela linguagem simbólica. A libido de Inácio também é alimentada pelo imaginário de D. Severina criado em sua mente, mas os sentidos se dão nos sonhos, no acesso ao grau mais profundo da psique.

A mulher foge. No entanto, ela foge devido às relações sociais já estabelecidas entre as pessoas da casa, e estas relações são fundamentalmente imaginárias. Ela sente medo, mas este

medo é constituído pelo imaginário de ética, ou seja, o certo e errado construídos socialmente. Para D. Severina, não é correto beijar um jovem de 15 anos, Inácio é apenas uma “criança”. De acordo com suas concepções, não é legal trair o marido e, cada pensamento libidinoso sobre o jovem é uma espécie de adultério. Em resumo, o que fez é definitivamente infidelidade, segundo os seus valores morais, embora estas regras façam parte do imaginário de moral e ética construídos socialmente.

Na fase final da narrativa, D. Severina passa a evitar Inácio, ela o trata cada vez com mais indiferença e desprezo. Devido aos valores imaginários que carrega, a mulher se sente mal pelo que fez e, somado a isso, tem receio de que Inácio estivesse acordado no momento em que o beijou. A anfitriã passa a cobrir os braços enquanto o garoto está em casa para evitar os olhares e também demonstrar severidade em relação ao inquilino. Não demora muito, o solicitador Borges decide enviar uma carta para o pai de Inácio, informando que não poderia ficar com o garoto. No dia em que vai embora, Inácio não acha D. Severina para se despedir. Interessante observar o modo como Machado de Assis narra estes acontecimentos:

Inácio saiu sem entender nada. Não entendia a despedida, nem a completa mudança de D. Severina em relação a ele, nem o xale, nem nada. Estava tão bem! falava-lhe com tanta amizade! Como é que, de repente. . . Tanto pensou que acabou supondo de sua parte algum olhar indiscreto, alguma distração que a ofendera, não era outra cousa; e daqui a cara fechada e o xale que cobria os braços tão bonitos... Não importa; levava consigo o sabor do sonho. E através dos anos, por meio de outros amores, mais efetivos e longos, nenhuma sensação achou nunca igual à daquele domingo, na Rua da Lapa, quando ele tinha quinze anos. Ele mesmo exclama às vezes, sem saber que se engana:

E foi um sonho! um simples sonho! (ASSIS, 1994, p. 07)

Todos esses devaneios de Inácio sobre D. Severina são constituídos pelas instâncias mentais. Dessa forma, o protagonista tenta pressupor, através da linguagem corporal e simbólica da anfitriã, o imaginário dela em relação a ele. Há um real no ato do beijo que não concebemos, devido à ação das duas outras instâncias. Porém, Inácio não consegue acessar este real, pois estava preso em seu inconsciente simbólico, ao passo que o comportamento de D. Severina fazia com que seus pensamentos se formassem de outra maneira, cada vez mais distante do real, que é fundamentalmente inalcançável.

Podemos concluir que a narrativa se trata de um desejo que não foi alcançado. Para Lacan, as três instâncias estão intrinsecamente conectadas, de modo que uma não existe sem a outra, esta conexão é denominada “nó borromeano”. A junção do real, do simbólico e do

imaginário resultam no que Lacan chama de “objeto a”. O “objeto a” é uma incógnita até mesmo para o autor, e muitos estudiosos ainda tentam compreender esta importante noção da psicanálise lacaniana. Em linhas gerais, podemos afirmar que o “objeto a” está relacionado aos desejos. Lacan diria que estes desejos nunca são completamente alcançados, pois atravessam o imaginário subjetivo assim como o simbólico, que é apenas a representação que faz este desejo fazer sentido. O real desse desejo não está ao nosso alcance, assim como nunca esteve ao alcance de Inácio ou D. Severina.

Portanto, vale ressaltar que não ser capaz de definir o desejo dos protagonistas não torna a análise inconclusiva. Através dos comportamentos narrados simbolicamente, podemos especular os processos mentais que constituem estes seres de ficção. Todavia, os desejos que impulsionam as tomadas de decisões ou até mesmo seus pensamentos não são passíveis de compreensão. Na verdade, se Inácio e D. Severina fossem de carne e osso, nem mesmo eles próprios compreenderiam a natureza dos próprios desejos. Dessa forma, ficam apenas possibilidades de acontecimentos e diversas questões a serem respondidas.

### Referências Bibliográficas

ASSIS, Machado de. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar 1994. V. II Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000259.pdf>>. Acesso em: 18/06/2018.

CULLER, Jonathan. *Teoria literária – uma introdução*. Tradução: Sandra Vasconcelos. São Paulo: Beca Produções Culturais Ltda, 1999

D’ONOFRIO, Salvatore. *Teoria do texto I – Prolegômenos e Teoria da Narrativa*. São Paulo: Ática, 1995.

FREUD, Sigmund (1915). *O inconsciente*. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

LEITE, Lygia. C. M. *O foco narrativo*. São Paulo: Ática, 1985.

LACAN, J. (1953) *Simbólico, Imaginário e Real*. In *Os Nomes do Pai*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2012.

\_\_\_\_\_. (1976) *O Seminário Livro XXII R.S.I.*

\_\_\_\_\_. (1964). *O seminário. Livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

\_\_\_\_\_. (1949) *O Estádio do espelho como formador da função do eu em Psicanálise*. In Escritos, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

MOISÉS, Massaud. *A criação literária – Prosa I*. São Paulo: Cultrix, 1999.